

# **Povos Indígenas entre Estados Nacionais: Identidades, Etnicidades e Nacionalidades em Perspectiva Comparada<sup>1</sup>**

**Cristhian Teófilo da Silva**  
**UnB/Brasil**

Resumo: Este trabalho constrói comparativamente múltiplas situações históricas nas quais se encontram os povos indígenas entre fronteiras internacionais na América do Sul como objeto de pesquisa. As propostas e considerações teórico-metodológicas de Roberto Cardoso de Oliveira acerca do tema serão apresentadas com o intuito de identificar os temas e problemas compreendidos por este objeto. Em seguida, será apresentada uma tipologia de situações de fronteira nas quais se encontram populações transfronteiriças e povos indígenas. Essa tipologia cumpre o objetivo de assegurar a viabilidade etnográfica em termos comparativos.

Palavras-chave: Povos Indígenas; Fronteiras Internacionais; Comparação.

## **Introdução**

Esta comunicação apresenta um enquadramento teórico de múltiplas situações históricas nas quais se encontram os povos indígenas entre fronteiras internacionais na América do Sul como objeto comparativo de pesquisa. As propostas e considerações teórico-metodológicas de Roberto Cardoso de Oliveira acerca do tema são apresentadas com o intuito de identificar os temas e problemas compreendidos por este objeto. A comunicação será concluída com a delimitação da abrangência do tema com relação aos povos indígenas situados em fronteiras internacionais que o Brasil possui com seus países vizinhos.

Em 1997, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira publicou o artigo: "Identidade, Etnicidade e Nacionalidade no MERCOSUL". Esse artigo anunciava sua inserção nas linhas de pesquisa comparada do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, da Universidade de Brasília, e serviu de base a uma série de reflexões e trabalhos de campo por ele conduzidos e orientados. Esse mesmo artigo foi reelaborado para servir de introdução à coletânea publicada em 2005 e organizada conjuntamente com Stephen Grant Baines: "Nacionalidade e etnicidade em fronteiras"; encontrando sua versão definitiva como capítulo central do livro: "Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo", publicado em 2006, mas que sucede uma versão intermediária de 2000 publicada na Revista Brasileira de Ciências Sociais. Essas

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

versões por sua vez, apóiam-se em seu trabalho seminal sobre as áreas de fricção interétnica apresentado como projeto de pesquisa em 1962.<sup>2</sup>

O aspecto da obra de Cardoso de Oliveira a ser ressaltado no que tange ao estudo nas fronteiras naquele momento refere-se às categorias econômicas por ele empregadas para tratar da expansão diversificada da sociedade nacional sobre as sociedades indígenas, notadamente as economias extrativa, agrícola e pastoril. Menos preocupado, porém não desatento, às instituições indígenas, mas sim com seus destinos e destinações em áreas de contato interétnico, a vantagem no uso dessas categorias para esse autor: "(...) teve o mérito de impedir generalizações grosseiras sobre as formas de convívio entre índios e 'brancos' nas zonas em processo de desbravamento, demonstrando que da mesma forma que ocorre uma grande diferenciação entre os grupos tribais, portadores dos mais diversos sistemas culturais, também ocorre grande variação entre os segmentos nacionais em contato com as populações indígenas. Nem o contingente indígena, nem o contingente nacional apresentam aspectos unívocos." (Cardoso de Oliveira, 1996, p. 177)

Essa perspectiva não era nova na Etnologia Indígena feita no Brasil e, tampouco, Cardoso de Oliveira pretendia com ela trazer uma abordagem totalmente original, apesar de influente, para os estudos de mudança social. Sua preocupação com as frentes econômicas de expansão era divisar o caráter contraditório e destrutivo dos sistemas assimétricos formados pelo contato de sociedades de proporções absolutamente distintas: a nacional e a tribal. Para o estudo do sistema de relações formado pela conjunção dessas sociedades, Cardoso de Oliveira elaborou o conceito de "fricção interétnica", por compreender que o problema por elas constituído assumia um "caráter basicamente sociológico" (Cardoso de Oliveira, 1981 [1964], p. 25), como a luta de classes o era para outras disciplinas e sociedades. Dessas proposições, surgiu o livro: "O índio e o mundo dos brancos" (1964), dedicado à compreensão das dinâmicas vividas pelos Ticuna, próximos à fronteira Brasil-Colômbia-Peru, diante da frente seringalista.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Uma versão da abordagem metodológica de Cardoso de Oliveira às fronteiras foi publicada por Baines & Silva, 2009. Esta comunicação me possibilitará retificar o quadro comparativo proposto naquela ocasião.

<sup>3</sup> Outras importantes obras de Cardoso de Oliveira e que, acreditamos, o aproximaram da temática das fronteiras, mesmo que geograficamente, são: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Do índio ao bugre: O processo de assimilação dos Terêna*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. É a segunda edição de um trabalho escrito entre 1958 e 1959, de interesse pelo fato dos Terena habitarem uma região de fronteira, cuja

No momento seguinte a obra de 1964, Cardoso de Oliveira dedica-se à temática da etnicidade e de suas implicações para o estudo das sociedades de classes. Em "Enigmas e Soluções: exercícios de etnologia e de crítica" (1983), o capítulo 7, "Etnia e estrutura de classes", (publicado antes no Anuário Antropológico/79, p.57-73 com o título "Etnia e Estrutura de Classes: a propósito da identidade e etnicidade no México"), traz, desde os finais da década de 1970, a discussão sobre identidades nacionais e identidades étnicas. Neste artigo, Cardoso de Oliveira discute a questão de identidades nacionais dentro do México, e identidades étnicas, as identidades regionais entre espanhóis, e a identidade mestiça e indígena. Isso demonstra uma "guinada comparativa" em suas perspectivas de trabalho antropológico. Cardoso de Oliveira estava atento para as questões de identidades nacionais e étnicas dentro do Estado nacional, tomando o caso do México como contraponto, interesse que ressurgiu mais tarde com o reflexo sobre as fronteiras.

Em seu artigo de 1997, Cardoso de Oliveira se encontra em um momento *sui generis* de sua trajetória intelectual desde os estudos de fricção interétnica. O contexto institucional e a proposta acadêmica do CEPPAC, instituição na qual atuava na época, se mostraram decisivos para a ampliação de horizontes etnográficos e disciplinares de Cardoso de Oliveira, o que é notável em seus trabalhos seguintes que se apóiam na experiência de constituição de grupos de pesquisadores, de orientações e pesquisas pessoais. Eis o pano de fundo do artigo de 1997 e, em especial, da eficácia da noção de "fronteira", seja para evocar trânsitos interdisciplinares, seja para situar pesquisas comparativas. Nesse artigo, Cardoso de Oliveira inicia suas reflexões comparando os processos que afetam populações indígenas e migrantes em termos de sua "desconfortável situação de minorias sociais" (RCO, 1997, p. 09). Mais uma vez, o caráter assimétrico das relações estabelecidas entre populações etnicamente diferenciadas da cultura dominante nacional é estabelecido como eixo de investigação. Entretanto, seu exercício interpretativo não emprega mais as categorias econômicas das "frentes de expansão" como contexto estruturante das relações interétnicas, em seu lugar emprega a própria estruturação étnica das relações sociais para abordar os padrões de interação entre o pólo "nós"

---

história se intermescla com a história Terena. A outra obra seria: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Urbanização e Tribalismo: A integração dos índios Terena numa sociedade de classes*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968. Outro livro de interesse pelos mesmos motivos do anterior, de ser contexto de fronteira do Brasil com o Paraguai.

/nacional e o pólo "eles" /minorias. Essa mudança de foco, das fronteiras econômicas para as fronteiras étnicas constitutivas de identidades contrastivas (Cardoso de Oliveira, 1976), foi adensada teoricamente pelas contribuições de outros antropólogos, nomeadamente: Fredrik Barth e Abner Cohen. O primeiro autor foi responsável pela organização do conhecido volume: "Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference" (1969). O segundo, pela organização do livro: "Urban Ethnicity" (1974).

Foram essas as contribuições teóricas que Cardoso de Oliveira trouxe para a reflexão de um fenômeno geográfica e historicamente distante dos contextos inspiradores das mesmas, como o fenômeno econômico do MERCOSUL. A justificativa para a junção de teorias da etnicidade com vistas a analisar uma entidade econômica internacional em formação se deve basicamente ao fato de que para Cardoso de Oliveira o fenômeno da nacionalidade é correlato aos anteriores:

"Se observarmos em nossa ampla região, cortada por fronteiras entre nossos países - Uruguai, Argentina, Paraguai e Brasil -, verificaremos que existem pequenas cidades ou vilas que se situam precisamente em cima dessas fronteiras e que, a rigor, possuem como elemento divisor de um país a outro apenas uma rua, uma ponte ou outro espaço qualquer de uso comum. É o caso, por exemplo, das cidades de Rivera e Santana do Livramento e de Chuí e Xui, todos na fronteira Brasil-Uruguai, separadas apenas por uma *rua*; ou Artigas e Quaraí e Rio Branco e Jaguarão, na mesma fronteira, porém separadas por uma *ponte*. E ainda separadas por uma ponte, mas na fronteira Brasil-Argentina, temos Uruguaiana e Paso de los Libres e a cidade paranaense de Foz de Iguazu e a de Puerto Iguazu na Província argentina de Misiones. Ainda nessa província tem-se a cidade de Pousada ligada apenas por uma ponte com a Cidade de Leste no Paraguai, como também ligadas por uma ponte tem-se a fronteira Uruguai-Argentina as cidades de Salto e Concordia e as de Paysandú-Colón e Concepción Del Uruguay. Todos esses espaços fronteiriços, em maior ou menor grau, abrigam sistemas de interação entre nacionalidades que, em termos estruturais, têm muito a ver com os sistemas interétnicos que os antropólogos estão habituados a submeter ao escrutínio etnográfico". (Cardoso de Oliveira, 1997, p. 13)

A citação acima compreende o reconhecimento da densidade empírica do processo transnacional nas fronteiras. Essa dimensão empírica seria passível de descrição sistemática para Cardoso de Oliveira (idem, p. 14), pois encontra nas nacionalidades em conjunção um objeto de investigação antropológica ao mesmo tempo inter e transnacional, onde as identidades e relações interétnicas não ocorrem no interior de um

único Estado-Nação (a exemplo do que ocorre nas áreas de fricção interétnica), mas no interior de (no mínimo) dois Estados nacionais.

Ao se referir aos espaços fronteiriços, ressalta Cardoso de Oliveira:

“(…) quanto à nacionalidade, como uma segunda identidade, é claro que ela será instrumentalizada de conformidade com situações concretas em que os indivíduos ou os grupos estiverem inseridos, como a de procurarem assistência à saúde, à educação dos filhos ou uma eventual proteção junto a forças militares de fronteira: seriam casos típicos de manipulação de identidade junto a representantes dos respectivos Estados nacionais”. (2000:17)

Cardoso de Oliveira afirma que, no caso de etnias localizadas em fronteiras entre Estados nacionais:

“(…) não se trata mais de considerá-las em si mesmas, i.é, como tais, mas de inseri-las num outro quadro de referência: o quadro (inter)nacional. A rigor, poder-se-ia dizer que tal quadro teria sua configuração marcada por um processo transnacional, apontando esse termo para o caráter dinâmico das relações sociais vividas pelo contingente populacional localizado na fronteira. (...) Portanto, no caso de uma situação de fronteira, aquilo que surge como um poderoso determinador social, político e cultural – provavelmente mais do que a etnicidade – passa a ser a nacionalidade dos agentes sociais; é quando nacionalidade e etnicidade se interseccionam (...) E é exatamente esse espaço ocupado pela nacionalidade que tende a se internacionalizar, graças ao processo de transnacionalização que nele tem lugar”. (2005, p.14-15)

O foco privilegiado de investigação não será mais, portanto, o sistema interétnico, mas o *sistema inter e transnacional, visto em termos das nacionalidades em conjunção* (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2005, itálicos do autor, p.15).

A mudança de foco se mostrará claramente aplicada no artigo de 2000 transformado no capítulo: "Os (des)caminhos da identidade (eticidade e multiculturalismo)", publicado postumamente em 2006. Nesse momento, RCO/4 explicita a indagação recorrente em sua produção intelectual acerca dos processos de construção de identidades coletivas ("nós"): "Como poderíamos melhor abordar o fenômeno sem construirmos um foco estratégico para sua elucidação?" (RCO, 2006, p. 88). Ou então, quando indaga como refletir sobre aquilo que designará: "condições de possibilidade de etnização das identidades nacionais" (idem, p. 89). Não cabe aqui resumir todos seus exemplos e argumentos, sendo mais necessário enfatizar sua preocupação com o contexto de fronteiras como um dos cenários mais desafiantes para o estudo dos processos

identitários nacionais, objeto de pesquisa que será superposto ao estudo da fricção interétnica. O contexto específico que Cardoso de Oliveira traz para elucidar sua nova posição sobre esse antigo tema de investigação, o da construção de identidades coletivas (ver Cardoso de Oliveira, 1976), é aquele de Andorra - "país oficialmente catalão", "situado entre Espanha e França, um país inteiramente 'de fronteira'" (idem, p. 101).

Para Cardoso de Oliveira, o que o caso representado por Andorra propicia é um exemplo extremo ("tipo ideal") de uma gradação de identidades nacionais: "(...) onde a nacionalidade ganha contornos excepcionalmente nítidos, com grande poder de sinalização de indivíduos ou grupos no sistema societário envolvente. E, naturalmente, no outro extremo do espectro, as identidades nacionais estariam bastante diluídas comparativamente às identidades étnicas, como, por exemplo - para ficarmos com o outro extremo do espectro -, às identidades de índios situados em regiões de fronteira, observáveis em nosso continente." (idem, p. 105) O quadro abaixo se pretende ilustrativo do movimento teórico acima esboçado e que culminam numa formulação tipológica dos sistemas identitários encontrados em contextos singulares de fronteira:

**Quadro1. Comparativo das Situações de Fronteira e seus Respectivos Modelos Analíticos e Casos Concretos**

<b>Contexto de Fronteira</b>	<b>Modelo Analítico</b>	<b>Oposição contrastiva</b>	<b>Caso empírico</b>
Frente de Expansão	Fricção Interétnica	Ordem Tribal VS Ordem Nacional	Ticuna/Alto Solimões
Bloco Econômico	Identidades Nacionais	Nacionalidade1 VS Nacionalidade2	Cidades gêmeas do MERCOSUL
Fronteiras internacionais (concretas e imaginárias)	Identidades Étnicas e Nacionais	Etnicidade VS Nacionalidade	Fronteiras na América Latina
País fronteiriço	Identidade Nacional	Nacionalidade 1 VS Nacionalidade 2 VS Nacionalidade 3 etc.	Andorra (fronteira Espanha/França)

O quadro acima nos permite perceber uma gradação que vai do tribal/nacional e do nacional/étnico, implicando, no primeiro extremo uma nacionalização da ordem tribal (caso exemplificado pelos Ticuna), e no segundo extremo uma etnização das identidades nacionais (caso exemplificado por Andorra). Entre os dois extremos, como se pode notar, encontra-se a maioria dos contextos fronteiriços contemporâneos na

América do Sul. Será, precisamente, os contextos fronteiriços compreendidos pelos povos indígenas situados nas fronteiras brasileiras na América do Sul que enfocaremos nesse projeto com o intuito de desdobrar etnograficamente as orientações teórico-metodológicas formuladas por Cardoso de Oliveira. A principal justificativa para esta delimitação geográfica para a definição dos objetos de pesquisa a serem estudados se deve ao fato do Brasil ser o país da região com o maior número de fronteiras internacionais estabelecidas (10 no total, sendo uma delas com um departamento Francês além-mar). Dentre essas fronteiras, registra-se a presença de terras indígenas demarcadas ou em processos de demarcação com 9 países (a exceção do Uruguai). Nota-se, desse modo, uma realidade excepcional para o tratamento dos temas e problemas acima colocados envolvendo processos identitários, étnicos e de identificação nacional na América do Sul, compreendendo ainda questões e processos transversais como cidadania, territorialização, soberania, cooperação internacional, conservação ambiental dentre outros.

### **Problema a ser abordado**

Neste cenário de sobreposição de processos identitários étnicos, nacionais e transnacionais, uma abordagem que se pretenda etnográfica das situações de fronteira nas quais povos indígenas diversos se vêm posicionados hoje deverá atentar para os aspectos políticos, econômicos, ambientais e legais envolvendo a presença de povos indígenas diversos e as condições de sua sobrevivência física e cultural entre dois ou mais Estados nacionais. Desse modo, uma distinção deve ser estabelecida entre a pesquisa das fronteiras como objeto de investigação eminentemente histórico e geográfico e a pesquisa etnográfica a partir das áreas de fronteira internacional ou entre dois países.

A diferenciação proposta por Cardoso de Oliveira entre o estudo das fronteiras e nas fronteiras compreende uma distinção entre as fronteiras como objeto etnográfico e as fronteiras como situação de observação etnográfica. Dito de outro modo trata-se de abordar as fronteiras menos como construções ideológicas e mais como contextos empíricos reveladores de processos e transformações sociais específicos. As fronteiras podem ser pensadas, então, como uma condição propiciadora de formas singulares de vida social. Sendo assim, as fronteiras constituem um local privilegiado de observação dos processos organizativos, articuladores ou desarticuladores, das identidades étnicas e nacionais.

Uma vez estabelecida essa distinção, a problematização das relações interétnicas observáveis em fronteiras internacionais ou de grupos étnicos indígenas que vivem entre dois ou mais países a partir da noção de “situação histórica” pode ser um desdobramento heurístico pertinente, em especial por aproximar sistemas interétnicos distintos e distantes teoricamente (Silva, 2005). João Pacheco de Oliveira F.º elabora esta noção ao tratar a concepção de Cardoso de Oliveira sobre as situações de contato interétnico e aponta como problema a questão de: “(...) como descrever e encarar teoricamente os indivíduos e grupos não indígenas que intervêm na situação de contato.” (Oliveira F.º, 1988: 49) Neste momento, Oliveira F.º examina a noção de “encapsulamento” elaborado por Bailey (1969 apud Oliveira F.º, 1988: 50). Para ele essa noção finda por reduzir: “(...) muito o espaço para as reinterpretções, as manipulações e as resistências, que instituem uma dialética bem mais complexa do que é suposto entre colonizador e colonizado, entre as políticas do Estado e as suas conseqüências reais no âmbito local.” (Oliveira F.º, 1988: 53-54)<sup>4</sup>

É neste ponto que Oliveira F.º retorna à noção de situação social desenvolvida por Max Gluckman, desenvolvendo o seguinte argumento:

Entendida em seu modo mais estrito a situação social não seria mais que isso, um repertório de atores relacionados por determinadas ações e eventos. À medida porém que o levantamento desses elementos remete a contextos de interação e a formas de inter-relação, o relato da situação ganha densidade, conduzindo progressivamente à indicação de padrões de interdependência entre os personagens elencados. A distinção rígida entre descrição e análise revela-se completamente artificial, uma vez que a análise situacional nada mais é do que a reflexão sobre o entrecruzamento daqueles três elementos (atores, ações e eventos). (Oliveira F.º, 1988: 55, parêntesis CTS)

Diante destas considerações, Oliveira F.º cunha a noção de situação histórica para ressaltar um aspecto implícito na definição de situação social de Gluckman, de modo a ser uma noção que não se remete apenas à eventos isolados, mas a “(...) modelos ou esquemas de distribuição de poder entre diversos atores sociais.” (Oliveira F.º, 1988: 57)

---

<sup>4</sup> A noção de encapsulamento tende a obscurecer o fato de que: “Em tais situações freqüentemente a comunidade local recebe o impacto de diferentes agências de contato; o comportamento dos atores na situação é afetado por presenças anteriores, por notícias sobre ou possibilidade de presença de outras agências, bem como pelo comportamento de uma agência diante das outras; como ainda pelas comparações e sistema de interpretações utilizados pela comunidade local para refletir sobre essas agências.” (Oliveira F.º, 1988:54)

As áreas de fronteiras, se consideradas como situações históricas específicas (ver Silva, 2005), se apresentam sob a forma de arenas políticas<sup>5</sup> - onde, o pesquisador se inserirá como mais um ator na definição de relações de poder - é justamente o *locus* situacional histórico onde se travam relações que tornam manifestas os contrastes que opõem povos indígenas, não indígenas, agências coloniais, organizações não-governamentais, instituições religiosas, Estados nacionais etc. O importante é frisar que essa proposta visa suscitar comparações controladas de situações de fronteira enquanto contextos empíricos comparáveis na sua forma de estruturar assimetricamente as relações interétnicas. O objetivo aqui é lançar as bases para um roteiro comparativo de pesquisa, com inspiração notadamente antropológica, de modo a descrever etnograficamente a dimensão vivida das populações fronteiriças:

Abstraindo-nos dos aspectos estritamente acadêmicos desse programa, sua menção nesta oportunidade se justifica porque nos conduz a um patamar de discussão raramente proporcionado entre nós: o da situação vivida nas condições de fronteira, a saber, quando indivíduos e suas famílias vivem compulsoriamente o contato com o Outro, aquele que está 'do outro lado', submetido a outras leis, ditadas por outro Estado nacional, a outros costumes, em suma a outros padrões culturais, quando não - em alguns casos como o das relações entre brasileiros e seus vizinhos hispano-americanos - a outros idiomas. (Cardoso de Oliveira, 2006, p. 106)

Dito de outro modo, se as populações nas fronteiras vivem a consciência de fazer parte de um corpo político global de modo mais visível e acentuado que em outras partes, esperamos com este projeto abordar de que modo as fronteiras e as consciências nacionais são pensadas e trabalhadas pelos povos indígenas entre Estados nacionais. O foco nas populações indígenas, por sua vez, se deve ao fato de suas visões de mundo e projetos extrapolarem os limites nacionais, e talvez, por essa razão, estão mais sujeitos ao controle dos Estados nacionais: "Nesse sentido, vale considerar, no que tange ao processo identitário, que se trata de um espaço marcado pela ambigüidade das identidades - um espaço que, por sua própria natureza, abre-se à manipulação pelas etnias e nacionalidades em conjunção" (Cardoso de Oliveira, 2006, p. 108).

---

<sup>5</sup>Assumimos aqui a definição de Bertha Becker (1988) para quem as arenas políticas são: "expressões de uma prática espacial coletiva fundamentada na convergência de interesses, ainda que conflitiva e momentânea, e cuja articulação com os demais níveis se faz através de conflitos e de sua superação, i.e., através das relações de poder." (: 109)

Em suma, a complexidade das situações de fronteira internacional como campo etnográfico reside no seu potencial de elucidação de processos globais geradores de fenômenos diversos como a multi-facetação das identidades étnicas e nacionais; da multi-culturalização da nacionalidade pela presença das populações migrantes e indígenas que reproduzem suas condições de vida a partir de processos multi-locais; da multi-nacionalização dos Estados através da construção de blocos econômicos regionais etc.

Diante de tais problemas de pesquisa, o que a adoção de uma antropologia nas fronteiras requer para seu exercício é a superação da idéia de que as etnias, nações e mesmo as fronteiras são unidades de análise. Ao contrário, deve-se buscar o estudo dos sistemas interacionais e internacionais produtores e mantenedores dos limites étnicos e nacionais com vistas a promover descrições densas do modo pelo qual tais limites vêm a ganhar significação para as populações situadas nas fronteiras. Como afirma Cardoso de Oliveira:

Parafrazeando Marcel Mauss, o autor das reflexões sobre 'La Nation', diríamos que se sabe pela observação 'direta (expérience) o que é um povo e uma nação, melhor do que aqueles que têm os olhos fixados sobre o aparelho constitucional'. O que significa dizer que não será pelo estudo do sistema jurídico que recobre as relações internacionais que se dão nas fronteiras que saberemos alguma coisa de concreto sobre o que nelas acontece. A necessidade de pesquisa de campo que envolva observação direta - e/ou participante, ao estilo da investigação antropológica - impõe-se naturalmente se desejamos conhecer o que os homens e as mulheres, indígenas ou não, situados nas fronteiras de nossos países pensam e como se relacionam nos espaços interculturais. (Cardoso de Oliveira, 2005, p. 19)

O estudo comparado das "situações de vida nas condições de fronteira", a partir da noção de "situação histórica" requerem, portanto a prática atualizada da pesquisa etnográfica, com vistas a evitar o tratamento da ambigüidade, deslizamento ou trânsito das etnicidades e nacionalidades na fronteiras como atributo de culturas particulares de grupos específicos, quando na verdade são efeitos do processo organizacional mais amplo de construção de múltiplas formas de pertencimento e exclusão a comunidades políticas nacionais e multinacionais (como o bloco econômico do Mercosul, por exemplo). Esse é o caminho sugerido por Cardoso de Oliveira para se "gerar interrogações que sejam significativas não só para o pesquisador, mas também para o morador da fronteira" (idem, p. 20).

## **Considerações finais**

O termo “fronteira” apareceu conjugado à noção de “situação histórica” elaborada por Oliveira F.º como uma categoria analítica de comparação de variações concomitantes de um processo histórico de territorialização de Estados nacionais em formação ao mesmo tempo em que aparece como situação real de interação social e conflito de onde emergem experiências históricas únicas, geradoras de novas identidades.

Formula-se, dessa maneira, uma proposta de comparação das situações históricas compreendida pelas condições de vida de populações diferenciadas culturalmente do restante da nação a partir da perspectiva de estatização dos territórios projetados como nacionais na tentativa de compreender como se processarão os mecanismos de inclusão e exclusão dessas populações (compreendidas como grupos étnicos) dentro de redes administrativas nacionais e a conseqüente adequação identitária destas populações segundo os parâmetros conceituais, ideológicos e normativos dos Estados Nacionais. Nesse sentido, faz-se necessário reconhecer que a diversidade de experiências históricas permitiria pensar nos dispositivos de integração e nos modos de aniquilamento e produção da diferença cultural (Lima 1995: 41).

As realidades a serem consideradas como campo de observação se referem às relações estabelecidas entre estes povos indígenas, organizações e Estados enquanto sujeitos políticos em conflito, i.e., em disputa acerca das representações e ações do que deverá vir a contar como “terra indígena”, “território e soberania nacional”, “direitos humanos”, “desenvolvimento”, etc., em seus projetos de etnodesenvolvimento e desenvolvimento regional, nacional e transnacional.

Buscou-se promover assim, a recuperação analítica da dimensão simbólica das situações de fronteira para descrever e interpretar os significados que sujeitos sociais e políticos conferem às suas ações e suas representações da realidade e dinâmica fronteiriça na qual se vêem ou são compulsoriamente inseridos.

Trata-se de um campo político (alçado aqui a qualidade de campo de pesquisa empírica) em que, se observa uma disputa histórica pela fixação dos significados do que seja o “outro” e, mais precisamente, suas possibilidades de permanecer como sujeitos

diferenciados em seus próprios termos (equidade). O que está em jogo neste campo minado por conflitos seculares, contradições e ambivalências é o direito de participar efetivamente na própria definição e forma de atuação dos Estados nacionais.

A realização de pesquisas sobre estes campos políticos pode auxiliar na identificação e análise dos mecanismos de produção de diferenças que redundam em "identidades mal formadas" (Taylor 1994), levando povos indígenas a conceberem uma imagem internalizada de sua inferioridade na hierarquia simbólica de pureza cultural sustentada pelas ideologias nacionais (Peres 1998), passando a percebê-la como inata e não como atribuída pelos distintos regimes de indianidade nos quais estão simultaneamente inseridos. A compreensão, portanto, dos modos como se processam as "negociações", neste campo intersocial, poderá nos levar a abordar os processos de construção da diversidade cultural e da etnicidade pública (Weaver 1984), de grupos étnicos, por organizações não-governamentais e pelos Estados.

Acreditamos que a abordagem acima proposta constitua um novo aporte para as discussões sobre identidade, etnicidade e territorialidade no Brasil e na América do Sul, além de contribuir para o desenvolvimento de etnografias em áreas de fronteira internacional.

## **Bibliografia**

BAINES, Stephen & SILVA, Cristhian Teófilo da. "Antropologia nas Fronteiras: contribuições teóricas e etnográficas para as Ciências Sociais nas Américas". In: FERNANDES, Ana Maria & RANINCHESKI, Sonia (orgs.). *Américas compartilhadas*. São Paulo: Francis, 2009.

BARTH, Fredrik (Ed.). *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. Oslo: Johansen & Nielsen Boktrykeri, 1969.

BECKER, Bertha K. "A Geografia e o Resgate da Geopolítica". *Revista Brasileira de Geografia*, n.º 50. RJ, 1988.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Estudo de áreas de fricção interétnica do Brasil". *América Latina*, ano V, n.º 3, julho-setembro, 1962, pp. 85-90.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O índio e o mundo dos brancos*. Brasília: Editora da UnB, 1981 [1964].

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Enigmas e Soluções: exercícios de etnologia e de crítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O índio e o mundo dos brancos*. 4ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Identidade, Etnicidade e Nacionalidade no Mercosul". *Política Comparada*, Ano I, Volume I, N.º 2, maio/agosto, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 15, no. 42, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Introdução, In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto & Stephen G. BAINES (orgs.) *Nacionalidade e etnicidade em fronteiras*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora da UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

COHEN, Abner (Ed.). *Urban Ethnicity*, ASA 12, Londres: Tavistock Publications, 1974.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. "*O Nosso Governo*": Os Ticuna e o Regime Tutelar. SP, Brasília: Marco Zero/MCT-CNPq.1988.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. "Segurança das Fronteiras e o Novo Indigenismo: Formas e Linhagem do Projeto Calha Norte". In: *Antropologia e Indigenismo*, nº 1, novembro de 1990. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/PETI/Museu Nacional.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (org.). *Indigenismo e territorialização: Poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

SILVA, Cristhian Teófilo da. "Identificação étnica, territorialização e fronteiras: A perenidade das identidades indígenas como objeto de investigação antropológica e ação indigenista". *Revista de Estudos e Pesquisas*, v. 2, n. 1, 2005.

SILVA, Cristhian Teófilo da. "Nacionalidade e etnicidade em fronteiras". *Horizontes Antropológicos*., Jun 2007, vol.13, no.27, p.341-346.

#### Bibliografia complementar

FAULHABER, Priscila. "A Fronteira na Antropologia Social: As diferentes faces de um problema". *BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n.º 51, 1º semestre de 2001.

GRIMSON, Alejandro. *Fronteras, Naciones e Identidades : La Periferia como Centro*. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, 2000.

MARTIN, Eloísa. "Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro". *Horizontes Antropológicos*, 2001, vol.7, n.15, pp. 293-296.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Cultura e Política no Mundo Contemporâneo: Paisagens e Passagens*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

ROCHA, Leandro Mendes & BAINES, Stephen Grant (orgs.). *Fronteiras e espaços interculturais: Transnacionalidade, etnicidade e identidade em regiões de fronteira*. Goiânia: Editora da UCG, 2008.